

GEN - uma experiência de formação

Scarlett Marton*

Resumo: este texto, que se apresenta como um depoimento, persegue o objetivo primeiro de retratar a história dos quase vinte e cinco anos de existência do GEN – Grupo de Estudos Nietzsche.

Palavras-chave: cultura – formação – GEN - Cadernos Nietzsche - Encontros Nietzsche - Coleção Sendas & Veredas

Durante algumas décadas no século passado, a ideia de formação norteou o Departamento de Filosofia da USP. Antes de tudo, tal ideia se achava ligada à história e à memória. À memória de uma maneira de ler textos filosóficos, refletir sobre eles e a partir daí levar adiante a investigação. À história de uma instituição, de uma cidade, de um país. Não se tratava de limitar-se a transmitir experiências passadas, mas de através delas construir algo novo, necessário. Assim é que, ao ler os clássicos, o estudante se punha em contato com um referencial, que o auxiliava a organizar sua experiência interior e a fazer dela algo coletivo em vista de um futuro.

Minha geração chegou à universidade, num momento histórico em que o empenho constituía a característica distintiva da trajetória acadêmica, empenho como doação de si a um projeto de formação. O trabalho intelectual apresentava-se, então, como uma atividade vital; não sobrevinha como um fator externo, mas determinava a própria vida. De uma forma ou de outra, a cultura em voga remetia necessariamente para um patrimônio da humanidade, que servia

* Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.

de base para a criação. E assim, ao perseguir o propósito de levar adiante o que herdáramos, nós nos mantínhamos fiéis às concepções e, não raro, às práticas de nossos mestres¹.

Pensada nesse contexto, a cultura consistia, antes de mais nada, em enriquecer-se com a experiência da diferença. É justamente esse gesto de romper com a mesmidade do mesmo e abrir-se às dimensões da alteridade do outro que constituía o seu traço marcante. À diferença do entretenimento, implicava a descoberta do outro.

Hoje arcaica, a tarefa formadora vem perdendo o sentido e o lugar². Convertida em mercadoria, a cultura acabou por receber uma etiqueta e uma marca. E a formação teve de ceder lugar às expectativas do mercado. Hoje, o trabalho de docência deixou de ser formador; ele corre o risco de encontrar-se cada vez mais na

1 Bem a propósito são estas palavras de Nietzsche: “está em tuas mãos fazer com que toda a tua vivência - tentativas, descaminhos, erros, enganos, paixões, teu amor e tua esperança – seja investida em teu alvo. Este alvo e tornar-se uma cadeia necessária de anéis de cultura e desta necessidade concluir a necessidade na marcha da cultura em geral. Quando teu olhar se tornar forte o bastante para ver o funda na escura fonte de teu ser e de teus conhecimentos, então talvez se tornem visíveis para ti, no seu espelho, as constelações distantes das culturas vindouras” (MAI/HH I 292, KSA 2.236s).

2 Notável é o texto de Baudrillard de 1977, intitulado “O último tango do valor” (In: *Simulacres et simulations*. Paris: Galilée, 1981, pp.221-222). Nele, o autor fala do pânico quando se pensa que diplomas serão dados sem contrapartida de trabalho ‘real’, sem equivalência de saber. Os valores universitários (os diplomas, etc) vão proliferar e continuar a circular um pouco como os capitais flutuantes ou os eurodólares, sem critério de referência e no limite completamente desvalorizados. Mas a própria circulação basta para criar um horizonte social do valor. O receio é que o valor fantasma aumente à medida em que o seu referencial (valor de uso, valor de troca, força de trabalho universitária que ele recobre) se perca. “Essa situação só é nova em aparência”, afirma Baudrillard. “Ela é nova para aqueles que ainda pensam que se elabora na universidade um processo real de trabalho e lá investem o seu vivido, a sua neurose, a sua razão de ser. A troca de signos (de saber, de cultura) na universidade, entre ‘professores’ e ‘estudantes’ não passa, já há um certo tempo, de um arranjo acompanhado pela amargura da indiferença (indiferença dos signos que acarreta com ela o desapego das relações sociais e humanas), um simulacro acompanhado por um psicodrama (o de uma demanda envergonhada de calor, de presença, de troca edipiana, de *incesto pedagógico* que procura substituir a troca perdida de trabalho e saber). Nesse sentido, a universidade continua sendo o lugar de uma *iniciação desesperada à forma vazia do valor* e os que aí vivem há alguns anos conhecem esse estranho trabalho, a verdadeira desesperança do não-trabalho, do não-saber. Pois as gerações atuais sonham ainda em ler, aprender, ultrapassar-se, mas o coração já não está mais aí”.

via da escolarização. O critério para determinar a excelência da pesquisa deixou de ser acadêmico; ele corre o risco de achar-se cada vez mais determinado por questões particulares ou interesses localizados. Curvando-se à heteronomia, a docência e a pesquisa nas Humanidades acabaram perdendo o vínculo com o que lhes é mais próprio, a cultura e a formação.

Quando se trata de examinar tal mudança de paradigma, o fato de ter eleito o pensamento nietzschiano como objeto de análise vem, sem dúvida, facilitar minha tarefa. Há mais de cem anos, Nietzsche já diagnostica a confusão entre bens culturais e bens materiais que se anuncia em sua época. Fazendo uma crítica radical dos “filisteus da cultura”, seus contemporâneos, julga-os superficiais e desnecessários, impotentes e estéreis. Acusa-os de vacuidade e empáfia, de fazer alarido e sucumbir ao palavrorio. Denuncia-os por serem imitadores e epígonos, por promover o pastiche e forjar o amálgama. “Filisteus da cultura” são os que recorrem a quaisquer artimanhas para manipular os que estão à sua volta, os que lançam mão de quaisquer artifícios para fazer uso dos que se acham ao seu redor. São os sedutores e *décadents*, que não cessam de prestarem-se a dissimulações, os que buscam invadir espaços e ampliar esferas de influência. São, nas palavras do filósofo, “a gentalha do poder, do escrever e do prazer”, “todo o enxame pululante dos ‘cultivados’”.

Ora, nos meios que freqüentam, os “filisteus da cultura” sempre encontram necessidades e opiniões uniformes. E nem poderia ser de outro modo, uma vez que em suas mãos estão a arte e a educação, as instituições artísticas e os estabelecimentos de ensino. É esta uniformidade que lhes dá a impressão de serem homens cultos; é ela que os leva a crer existir na Alemanha a verdadeira cultura. Mas cultura pressupõe unidade de estilo e unidade de estilo não se confunde com uniformidade de necessidades e opiniões. Portanto, a cultura filistéia sequer é cultura; trazendo em si a marca do negativo, é por oposição à cultura que ela ganha existência. Antecipando o que estava por vir, Nietzsche mal sabia do alcance, da extensão e das formas que a barbárie acabaria por assumir.

Aliás, numa sociedade como a nossa onde reina a lógica do espetáculo e do mercado, em que medida ainda se pode falar em cultura?³

Vale lembrar o trabalho de Andreas Gursky. Numa foto intitulada *99c*, ele põe o “espectador”, ou melhor, aquele que vê, diante de mercadorias que parecem se reproduzir sem cessar. Nesse trabalho de 1999, o artista traz um espaço de algum modo despojado em que produtos se oferecem ao consumidor por “apenas 99 centavos”, balas e tabletes de chocolate, bolachas e biscoitos, xampus e sabonetes, sabões em pó e detergentes, se multiplicam a perder de vista. E capturam o olhar. Tudo se reflete nos vidros e se duplica no teto.

3 Cabe aqui trazer a intervenção de um artista plástico contemporâneo. Ben, pseudônimo de Benjamin Vautier, francês de origem suíça nascido em Nápoles em 1935, incluiu numa obra intitulada *Cambra*, datada de 1990-1999, que se acha exposta no Museu de Arte Moderna de Nice, o texto que aqui reproduzo no original por tratar-se de parte de uma obra de arte:

“Parfois je suis pessimiste et je pense

- La culture c'est pour impressionner les pauvres
- La culture n'est qu'une histoire de « tour operator » pour vous faire acheter des cartes postales
- La culture sert à avoir l'air intelligent quand on passe à la télé
- La culture sert de prétexte à envahir les autres peuples (pour leur apporter la culture)
- La culture vous élève au rang d'oies qu'on gave de culture
- La culture c'est l'ethnocentrisme des peuples qui croient avoir le monopole du beau et du vrai
- La culture sert de miroir au pouvoir narcissiste dominant
- La culture c'est le cadeau bonux de la société de consommation
- La culture permet d'avoir bonne conscience et justifie l'impérialisme
- La culture est un exercice d'égoïstes jaloux les uns des autres
- La culture doit vous faire croire que l'artiste est un être supérieur
- La culture c'est la boursouflure qui accompagne le bruit de bottes
- La culture culpabilise (dans un musée vous faites silence, pas dans un bar)

Parfois je me sens optimiste et je pense

- L'art nous apporte ce qui nous manquait
- L'art est un cri de vérité
- L'art c'est la découverte de l'autre
- L'art est une rencontre inoubliable
- L'art nous prend à la gorge
- L'art nous fait rire aux larmes
- L'art rend à chacun ses racines

Mais si, comme Duchamp l'a dit, « c'est le regardeur qui fait le tableau », la balle est dans votre camp. À vous de jouer.

La culture n'est qu'une question de cadres vides : il suffit de mettre n'importe quoi dans un cadre et ça devient art».

Algumas pessoas parecem misturar-se a tudo isso. Em outra foto, *Singapore Stock Exchange*, de 1997, Gursky apresenta um formigueiro de corretores em ação numa bolsa de valores.

Nessas duas fotografias, e em outras muitas mais, o artista revela sua fascinação pelos fenômenos de multidão de itens ou de indivíduos, pouco importa. Saturadas de cores e detalhes, elas põem em evidência um mundo contemporâneo transformado pela indústria de alta tecnologia, pelas trocas comerciais internacionais, pela globalização da informação. Em grande parte de seu trabalho, Andreas Gursky privilegia sinais marcantes e lugares emblemáticos do nosso tempo: supermercados e bolsas de valores, mas também vestíbulos de hotéis, conjuntos habitacionais, objetos de consumo de massa. Numa palavra, trata-se de trazer a público clichês que refletem o grande espetáculo em que se converteu o mundo.

Colocadas ao lado das fotografia intituladas *99c* e *Singapore Stock Exchange*, a foto *Bibliothek*, de 1999, apresenta uma profusão de livros enfileirados. E não há dúvida de que essa proximidade convida à reflexão.

Imbuída do espírito que ainda animava o Departamento de Filosofia da USP no final da década de 1980, concebi e implementei o GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. Acabava de defender a tese de doutoramento. Inscrita num período histórico determinado, ela foi testemunha e cúmplice da situação efetiva da chamada *Nietzsche Forschung* de então. No Brasil, o filósofo chegara à Universidade no final da década de 1960. Em suas investigações, professores a ele recorriam de forma esporádica. Não pretendiam dar conta do conjunto de seus escritos nem examinar a fundo seus principais conceitos; não tratavam de sua obra no contexto de trabalhos exegéticos nem de estudos sistemáticos. Numa palavra, tomavam-no como objeto de curiosidades intelectuais avulsas; a ele ainda não estava inteiramente assegurado o acesso à cena acadêmica do país.

Era preciso, pois, construir Nietzsche como objeto de conhecimento⁴. Minha tese de doutoramento, que veio a público com o título *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*⁵, visou justamente a contribuir para dar ao autor de *Zaratustra* a legitimidade filosófica de que entre nós ele ainda carecia. Ao menos, é assim que esse trabalho hoje se me aparece.

Para a minha geração, a tese de doutoramento constituía a obra de uma vida. Dela se esperava que fosse uma ampla investigação, seguindo à risca todas as exigências acadêmicas, tais como o confronto com a bibliografia disponível nas mais diversas línguas. E dela se exigia sobretudo que apresentasse de forma rigorosa e consistente uma leitura original do conjunto dos escritos do filósofo. Assim eu fôra formada.

Com a implementação do GEN, persegui o propósito primeiro de contribuir para formar do mesmo modo estudantes que, por sua vez, se tornariam formadores. E formar significava, antes de tudo, enfrentar os mais variados desafios: incentivar os estudantes a desenvolver o trato com a *lingua mater* e a bem manejar a escrita e a leitura filosóficas; estimulá-los a ler os textos no original ou, pelo menos, a recorrer às traduções mais qualificadas; levá-los a porem-se à escuta do filósofo e a dialogar com os seus comentadores; propiciar-lhes não só o conhecimento mais aprofundado do pensamento nietzschiano como a prática da análise de texto, instrumento imprescindível para o trabalho em filosofia; oferecer-lhes a possibilidade de desenvolver suas investigações como a de pôr à prova suas hipóteses, etapa indispensável na elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

4 Trabalho com noções importadas de Bourdieu. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992, em especial os capítulos “L'émergence d'une structure dualiste” e “Le marché des biens symboliques”.

5 São Paulo: Brasiliense, 1ª edição, 1999; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2ª edição, 2000; 3ª edição, 2010.

Mais ainda, formar implicava fazer ver que, no trabalho de pesquisa, se deve sempre partir do *status questionis*, de modo a não arrombar portas abertas; significava mostrar que é nossa responsabilidade levar adiante o que já foi realizado. E, para tanto, não há como abrir mão da atitude de probidade intelectual.

Acolhendo diferentes linhas interpretativas do pensamento nietzschiano, o GEN constituiu um ambiente propício para a confluência e o confronto das mais diversas leituras dos escritos do filósofo. Tanto é que as teses de doutoramento⁶, as dissertações de mestrado⁷ e até os trabalhos de iniciação científica que orientei versaram sobre os mais diversos temas, adotaram as mais diferentes abordagens, apoiaram-se nos mais variados comentadores.

Dentre as investigações desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos Nietzsche, contam-se pesquisas de caráter sistemático, como as que se dedicam a explorar a crítica de Nietzsche à metafísica e à subjetividade ou, em outra vertente, as que se empenham em examinar sua proposta de uma ética do *amor fati* ou o caráter experimental de sua filosofia. Mas também acham-se estudos pontuais, como os que se voltam para a questão da autoria no *Ecce Homo* ou o problema da civilização no *Anticristo*. São contemplados problemas ligados à filosofia política, como o da reviravolta

6 Dentre as teses de doutoramento mais significativas sobre a filosofia nietzschiana, que tive a oportunidade de orientar, constam as seguintes: “Entre Eu e Si ou a questão do humano na filosofia de Nietzsche”, de Alberto Marcos Onate; “A radicalização do niilismo na obra de Nietzsche: acerca da posição de um novo sentido de criação e aniquilamento”, de Clademir Luís Araldi; “Da dissolução da metafísica à ética do *amor fati*: perspectivas da interpretação em Nietzsche”, de Vânia Dutra de Azeredo; “Nietzsche e a tradição filosófica: para além de idealismo e realismo”, de André Luís Mota Itaparica; “Cultura e biologia em Nietzsche”, de Wilson Frezatti Júnior; “Em busca de um lugar ao sol: Nietzsche e a cultura alemã”, de Ivo da Silva Júnior; “Do eterno retorno do mesmo à transvaloração dos valores”, de Luís Eduardo Rubira; “Perspectivismo e verdade em Nietzsche”, de Márcio José Silveira Lima.

7 No que diz respeito às dissertações de mestrado sob minha orientação, que versaram sobre o pensamento de Nietzsche, cabe salientar trabalhos promissores como: “Filosofia e autoria em *Ecce Homo* de Nietzsche”, de Sandro Kobol Fornazari; “A maldição transvalorada. O problema da civilização e *O Anticristo* de Nietzsche”, de Fernando de Moraes Barros; “Vontade de verdade e experimentalismo no *Para além de bem e mal* de Nietzsche”, de Carlos Eduardo Ribeiro.

conceitual necessária para repensar a concepção de democracia, e questões relativas à teoria do conhecimento, tais como as noções de causalidade e perspectiva ou as diferentes concepções de verdade na filosofia nietzschiana. Recebem igualmente atenção temas que dizem respeito à crítica da cultura, como o diagnóstico que o filósofo faz do niilismo ou sua avaliação da modernidade, e outros que concernem à crítica da religião, como seus ataques ao ideal ascético ou o combate que ele trava contra o cristianismo. Encontram-se trabalhos que investigam as relações entre cultura e biologia em sua obra e outros que analisam os vínculos entre seu pensamento e a cultura alemã do século XIX.

Da crítica corrosiva dos valores à filosofia positiva, da trama conceitual à inserção na história da filosofia, de diferentes maneiras e a partir de perspectivas diversas, os integrantes do GEN tiveram e continuam a ter a oportunidade de continuamente confrontar suas posições. Não há dúvida de que é a diversidade que sempre constituiu nossa maior riqueza.

Em 1989, quando das primeiras reuniões do Grupo de Estudos Nietzsche, convidei alguns estudantes para iniciarem comigo o exame crítico de *Assim falava Zaratustra*. De forma prudente, porque não sabia bem como se daria a leitura do texto, propus dez encontros, um para cada seção do prólogo. Das dez seções, fizemos uma análise estrutural e uma análise genética. Lemos frase por frase, palavra por palavra; estivemos atentos aos conceitos presentes e às estratégias adotadas. Pesquisamos as possíveis referências à história da filosofia, à religião cristã, ao contexto cultural da época; trouxemos para as nossas conversas a versão luterana da Bíblia, os escritos de Goethe e Wagner, os poemas de Hölderlin e Heine. Ao final dessa série de encontros, convenci-me de que o projeto era viável; era possível empreender uma análise conceitual de *Assim falava Zaratustra*. O trabalho se estendeu por mais quatro anos, um para cada uma das partes do texto.

Durante esse período, a composição do grupo sofreu alterações; uns permaneceram mais tempo e outros bem menos, uns se envolveram muito e outros nem tanto. Seus nomes, e fisionomias até, a memória demasiado humana nem sempre soube reter. Importante, porém, é frisar que, se de um lado nós nos dedicávamos à exegese de um texto que, pela sua própria natureza, não se prestava a tanto, de outro o trabalho exegético jamais constituiu nosso ponto de chegada. Íamos além em relação ao texto de Nietzsche, examinando as figuras estilísticas e imagens, analisando as referências a fatos históricos e biográficos, trazendo à luz seu duelo e diálogo com o espírito da época.

Ao exame crítico de *Assim falava Zaratustra* se seguiu, em 1994, a análise conceitual de *Ecce homo* e, dois anos depois, a dos prefácios de 1886 redigidos pelo filósofo, quando da reedição de suas obras publicadas. Nas nossas reuniões semanais, além dos escritos de Nietzsche, discutíamos textos de comentadores e trabalhos dos integrantes de nosso grupo de pesquisa. Depois, passamos a receber colegas meus de outras universidades do país e, por fim, pesquisadores estrangeiros.

Assim os trabalhos do GEN seguiam seu curso; e eu permanecia fiel à idéia de formação. Muita vez, a formação passou à frente da pesquisa; o cuidado com os textos dos orientandos se deu em detrimento dos meus próprios.

Em 1996, de certo modo em sintonia com as transformações por que estava passando a universidade brasileira, o Departamento de Filosofia da USP deu mais um passo no sentido de promover a especialização. Formaram-se grupos de pesquisa; criaram-se canais para divulgação de material didático.

Foi então que surgiu oficialmente o GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. Oficialmente, até certo ponto. Ciente de que a burocracia mais causa danos do que traz benefícios, sempre hesitei

em transformá-lo em pessoa jurídica. Insistindo na consciência de grupo, convidava cada um dos integrantes a colocar seu conhecimento, habilidades e talentos a serviço de todos. Enfatizando a complementaridade, procurava ressaltar que o grupo era mais do que a soma dos indivíduos que dele faziam parte.

Dentre os desafios que uma iniciativa de tal ordem enfrentou e continua a enfrentar, conta-se a falta de tradição de trabalho em grupo nas Humanidades. É bem verdade que, neste campo, o trabalho é sobretudo solitário. Isto não impede, porém, que os envolvidos sejam solidários. Admitir a interdependência, integrar a diversidade, fazer-se co-responsável, são práticas a serem desenvolvidas. Atuar em sentido inverso ao da lógica da exclusão já é uma maneira de questioná-la; agir em direção oposta à da competição já é uma forma de combatê-la.

Enquanto espaço voltado para a formação, o GEN não perdia de vista as relações entre filosofia e cultura. Em nossas discussões, sempre nos entretínhamos, também, sobre arte e literatura, música e cinema, teatro e poesia; sempre partilhávamos nossas vivências culturais. Afinal, sem a cultura, a filosofia converte-se em técnica. Essa nunca deixou de ser minha convicção.

Mas tinha ciência de que era preciso levar adiante a pesquisa Nietzsche no Brasil. Era preciso, antes de mais nada, dotar o GEN de biblioteca especializada. Em 1996, solicitei recursos ao CNPq⁸, para aquisição de material bibliográfico permanente; concedidos, vieram a ser liberados quatro anos depois. Cadastrei os livros de minha biblioteca pessoal, estabeleci nova lista de títulos a serem adquiridos, entrei em contato com editoras estrangeiras, solicitei *pro forma in voice*, negocieei contratos de câmbio com o Banco do Brasil, fiz prestação de contas discriminada.

8 No contexto do projeto de auxílio integrado “GEN – Grupo de Estudos Nietzsche: Crítica, atualidade e recepção da filosofia de Nietzsche”.

Contudo, as regras do jogo mudaram. O CNPq determinou que a responsabilidade pela guarda dos livros adquiridos não seria mais do líder do grupo de pesquisa mas da instituição à qual ele se achava vinculado. E assim vi parte do acervo do GEN ser transferida para a biblioteca da Faculdade de Filosofia da USP, destinada aos estudantes em geral. Hoje, ela constitui um dos melhores acervos de obras do filósofo e de seus comentadores em nosso país, a começar pela edição crítica das *Obras completas* de Nietzsche e de sua *Correspondência*, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, pela coleção *Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung*, pelos *Nietzsche-Studien*, por títulos significativos da recente produção internacional acerca do pensamento nietzschiano. E, hoje, o GEN dispõe de uma biblioteca especializada, que resulta da soma das bibliotecas individuais de seus integrantes, e um banco de dados atualizado, que reúne os trabalhos por eles realizados.

Não era, por certo, apenas na escrita que eu via a realização da minha vida, mas, também, na ação. E a ação à qual aspirava não era a política. Dentre os meus colegas, havia quem privilegiasse a política universitária e elege-se como seu centro de interesse as atividades institucionais. Por sempre estimar primordial o trabalho de formação, empenhei-me em construir um espaço de discussão, visando a agregar os estudiosos da filosofia de Nietzsche no Brasil. Buscava assim garantir o avanço da pesquisa acerca do pensamento nietzschiano; contava, ainda, incentivar a investigação e debate sobre a recepção dos escritos do filósofo entre nós e sua contribuição para refletir sobre as questões da atualidade.

Uma revista poderia auxiliar nessa direção. Ela viria expandir a comunidade através dos autores publicados e, também, dos seus leitores. Além de espaço de formação, o GEN se consolidaria como espaço de discussão. Sem concessão alguma a escolas, grupos ou tendências, sem dialogar com capelas ou participar de redes de poder, ela traria ao público brasileiro trabalhos da mais alta qualidade. E assim, em 1996, surgiram os *Cadernos Nietzsche*.

A revista sempre se apresentou e continua a apresentar-se como um fórum de debates em torno das múltiplas questões colocadas acerca e a partir da reflexão nietzschiana. Sempre se dispôs e continua a dispor-se a acolher abordagens plurais. Com periodicidade semestral, continua a difundir em cada número traduções de textos de autores estrangeiros, ensaios de especialistas brasileiros, artigos de pesquisadores, doutorandos, mestrandos ou mesmo graduandos. E, em cada número, continua a divulgar as mais diversas vertentes interpretativas da filosofia nietzschiana. Trazendo a público regularmente trabalhos desenvolvidos no curso das atividades do GEN, procura concorrer para a discussão filosófica no Brasil.

Contudo, um dos principais objetivos do Grupo de Estudos Nietzsche e, por conseguinte, da revista, consistiu em imprimir seriedade aos estudos nietzschianos no país. Para tanto, procuramos introduzir um vocabulário rigoroso, escolhendo as traduções que nos pareceram mais apropriadas para termos-chave empregados pelo filósofo, como vontade de potência e além-do-homem; adotar a edição de suas obras completas, organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari; seguir as normas de citação de seus textos presentes nos *Nietzsche Studien*.

Ao público brasileiro trouxemos, pela primeira vez, ensaios – inéditos, muitos deles - de Müller-Lauter, Günther Abel e Werner Stegmaier;azzino Montinari, Giuliano Campioni, Marco Brusotti e Paolo d'Iorio; Sandro Barbera, Carlo Gentile, Chiara Piazzesi e Maria Cristina Fornari; Michel Haar, Didier Franck e Éric Blondel; Patrick Wotling, Blaise Benoit e Céline Denat; Jörg Salaquarda e Johann Figl; Luis Enrique de Santiago Gervós, Diego Sánchez Meca, Manuel Barrios Casares e Marco Parmeggiani; Richard Schacht, Alan Schrift, Richard Rorty e Brian Leiter; Duncan Large, Beatrice Han-piel, Bernard Williams, Peter Kail e Tom Bailey; João Constâncio e Maria Branco; Monica Cragolini, José Jara e Germán Meléndez. Kathia Hanza, Carlos Vásquez e Marta de la Vega, dentre vários outros. Publicamos trabalhos de pesquisadores alemães, austríacos, italianos, franceses,

ingleses, espanhóis, portugueses, norte-americanos, colombianos, venezuelanos, peruanos, argentinos e chilenos.

Considerando que *Cadernos Nietzsche* tinham uma função social a cumprir, julgamos indispensável enviá-los graciosamente às universidades estaduais e federais, agências financiadoras, institutos de pesquisa e principais bibliotecas do país. Indispensável também nos pareceu remetê-los à *Library of Congress* em Washington, à *Bibliothèque Nationale* de Paris, a universidades da América Latina, Estados Unidos e Europa e às diversas *Nietzsche-Societies*.

Graças ao trabalho de normalização dos artigos, foi possível indexar os *Cadernos Nietzsche* em repertórios nacionais e internacionais, como *Philosopher's Index*, *Clase* e *Geodados*. Com isso, pudemos firmar acordos de permuta com periódicos similares nacionais⁹ e estrangeiros¹⁰. E a revista foi classificada entre os melhores periódicos de filosofia no país, pela CAPES¹¹.

Para tanto, foi preciso um sem-número de iniciativas: captar artigos, normalizar textos, fazer revisões; lutar por recursos para a impressão do miolo e da capa, acompanhar os trabalhos da gráfica, insistir no cumprimento de prazos; manter correspondência

9 Encontram-se, dentre elas, a *Kriterion* da Universidade Federal de Minas Gerais, *Síntese* da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, *Educação e Filosofia* da Universidade Federal de Uberlândia, *O que nos faz pensar* da PUC do Rio de Janeiro e *Veritas* da PUC do Rio Grande do Sul.

10 Dentre elas, vale mencionar *Runas* de Portugal, *Nietzsche New Studies* dos Estados Unidos, *Perspectivas Nietzscheanas* da Argentina, além da *Revista de Filosofia* da Universidade do Chile, *Cuadernos de Documentación Filosófica* da Universidade Nacional de Rosário e *Philosophia* da Universidade Nacional de Cuyo em Mendoza na Argentina, *Revista Venezolana de Filosofía*, *Revista de Filosofía* da Universidade de Costa Rica, *Revista de Filosofía* da Universidade Iberoamericana no México, *Arquipélago* da Universidade dos Açores, *Crítica* do Núcleo de Estudos Pragmáticos de Lisboa, *Revista Filosófica* de Coimbra e *Philosophica* da Universidade de Coimbra em Portugal, *Telos* da Universidade de Santiago de Compostela na Espanha, *Cahiers de Philosophie Politique et Juridique* da Universidade de Caen, *Kairos* das Presses Universitaires du Mirail e *Recherches sur Diderot et l'Encyclopédie* na França, *Synthesis Philosophica* de Zagreb.

11 No contexto de *Qualis*, ao ser instituída a classificação dos veículos de produção intelectual dos programas de pós-graduação *strictu sensu*, a CAPES qualificou os *Cadernos Nietzsche* com nível “A”.

com o conselho editorial, colaboradores e colegas, departamentos de filosofia e programas de pós-graduação, instituições e bibliotecas, repertórios nacionais e internacionais, periódicos e revista similares; escrever cartas em várias línguas, dar inúmeros telefonemas, responder a pedidos de doações e aquisições; firmar contrato com distribuidoras, controlar prestações de contas, repassar verbas; atualizar endereços, colar etiquetas, envelopar exemplares; fazer trabalho de divulgação, organizar lançamentos, encaminhar *press releases*; constituir malas-diretas, enviar informes e convites, distribuir fôlderes, afixar cartazes. Sem contar com qualquer infra-estrutura institucional.

Durante o período em que respondi pelos *Cadernos Nietzsche*, do primeiro ao vigésimo-quinto número, contei com o apoio dos integrantes do GEN, da comissão editorial, dos meus orientandos e, a partir do número 14, do editor-adjunto André Luís Mota Itaparica. Sem esse apoio, jamais teria logrado levar a bom termo esse trabalho de editoração. Hoje, é com a mesma disposição e, por certo, ainda com maior zelo que, enquanto editor-responsável, Ivo da Silva Júnior se empenha em levá-lo adiante.

Desde 1996, em maio e setembro, quando do lançamento dos números da revista, o GEN organizava e continua a organizar os *Encontros Nietzsche*. Em parceria com outras universidades brasileiras, realizamos esses eventos no Rio de Janeiro, Brasília, Goiás, Sergipe, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, além das atividades acadêmicas, conferências e mesas-redondas que têm lugar no Departamento de Filosofia da USP, procuramos levar outras à cidade, com lançamentos no Centro Universitário Maria Antonia, no Goethe Institut e em diferentes livrarias.

Os *Encontros Nietzsche* constituem mais uma ocasião para reunir os estudiosos da filosofia nietzschiana no Brasil. De início, contávamos contribuir para promover o diálogo, num momento em que

nossa área dele ainda carecia. Promover o diálogo, com outros, mas também entre nós. Em que medida foi bem sucedida a iniciativa de levar a dialogar os integrantes do GEN, esta é uma pergunta que encontra resposta nos textos que eles mesmos trouxeram a público.

Recentemente, fomos obrigados a constatar que os eventos destinados à divulgação dos resultados de pesquisa se multiplicam, a ponto de gerarem cacofonia. Basta pensar na lista interminável de congressos, colóquios, seminários, mesas redondas que ocorrem por toda parte. Por isso mesmo, passamos a organizar encontros de pesquisa, em que os participantes são convidados a porem à prova suas hipóteses interpretativas. Perseguindo esse propósito, organizamos, também, colóquios voltados para os jovens pesquisadores do pensamento nietzschiano entre nós.

De modo geral, sempre contamos e continuamos a contar, nos *Encontros Nietzsche*, com a presença de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Se esta é uma oportunidade para pôr os estudantes em contato com diferentes abordagens dos textos do filósofo, é também um momento em que os orientandos ligados ao nosso grupo de pesquisa se encontram para debater suas posições. Pois, com o tempo, muitos dos que foram por mim formados tornaram-se formadores. E assim o GEN passou a multiplicar suas células pelo país.

Com o intuito de abrir novas frentes para os estudos sobre o pensamento nietzschiano no Brasil, concebi e implementei, em 2000, a *Coleção Sendas & Veredas*¹². Nestes doze anos de existência, publiquei dezoito títulos; cinco deles esgotaram-se; hoje, dois foram reeditados e três outros estão à espera de reedições.

12 Além de livros meus e de pesquisadores confirmados, como António Marques, Gilvan Fogel e Rosa Maria Dias, tive a oportunidade de publicar trabalhos de vários integrantes do GEN, dentre eles: *Nietzsche e a dissolução da moral*, de Vânia Dutra de Azeredo; *O Crepúsculo do sujeito em Nietzsche*, de Alberto Onate; *Nietzsche contra Darwin*, de Wilson Frezzatti Júnior; *Nietzsche: Estilo e Moral*, de André Luís Mota Itaparica; *A maldição transvalorada*, de Fernando de Moraes Barros; *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*, de Clademir Luís Araldi; *Sobre o suposto autor da autobiografia de Nietzsche*, de Sandro Kobol Fornazari; *As máscaras de Dioniso: filosofia e tragédia em Nietzsche*, de Márcio José

Busquei também criar uma página do GEN, de forma a promover a discussão e facilitar o contato entre os estudiosos da filosofia nietzschiana. Tendo passado recentemente por ampla remodelação, ela traz notícias sobre as atividades de pesquisa do Grupo de Estudos Nietzsche, os títulos da *Coleção Sendas & Veredas*, os *Encontros Nietzsche*. E põem à disposição do público, na íntegra, os números dos *Cadernos Nietzsche*, que ora contam com essa versão *on-line*, além da versão impressa.

E dediquei-me a ampliar e fortalecer as relações com centros de pesquisa internacionais e pesquisadores estrangeiros: a *Nietzsche Society* com Dave Allison, a *North American Nietzsche Society* com Richard Schacht e Alan Schrift, a *British Nietzsche Society* com Ansell-Pearson e Duncan Large, a *Stiftung Weimarer Klassik* com Rüdiger Schmidt, a *Österreichische Nietzsche-Gesellschaft* com Hans Hödl, a *Stiftung Nietzsche-Haus in Sils-Maria* com Peter Bloch, a *Deutsche Nietzsche-Gesellschaft* com Marco Brusotti e Andreas Urs Sommer, a *Sociedad Española de Estudios Nietzsche* com Diego Sánchez Meca. E, mais recentemente, o *GIRN – Groupe International de Recherches sur Nietzsche*, que dirijo com três outros colegas europeus.

Também me dediquei a estabelecer parcerias intelectuais e acadêmicas fora do país. Contando com pouquíssimos recursos, convidei colegas estrangeiros, para debater com os integrantes do GEN suas posições acerca da filosofia nietzschiana. De modo a aproveitar da melhor maneira a presença de cada um deles, organizamos previamente seminários sobre seus textos, chegando a fazê-los aparecer, sempre que possível, em português. Pretendemos dar a conhecer aos estudiosos e ao público brasileiro em geral algo da extensa bibliografia ainda ignorada entre nós. Recebemos, dentre vários outros pesquisadores do pensamento nietzschiano, Patrick Wotling, Céline Denat e Blaise Benoit, da França; Giuliano

Silveira Lima; *Em busca de um lugar ao sol: Nietzsche e a cultura alemã*, de Ivo da Silva Júnior; *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração dos valores*, de Luís Eduardo Rubira.

Campioni e Marco Brusotti, da Itália; Werner Stegmaier, da Alemanha, e Paul van Tongeren, da Holanda; Luís Enrique Santiago Guervós e Diego Sánchez Meca, da Espanha; António Marques e Nuno Nabais, João Constâncio e Maria Branco, de Portugal; *Mónica Cragnolini*, da Argentina, e José Jara, do Chile; Kathia Hanza, do Peru, e Germán Meléndez, da Colômbia.

Além de contribuir para o trabalho de formação dos que ainda trabalham sob minha orientação, a vinda dos colegas estrangeiros vem concorrendo para colocar em outras bases a discussão sobre a filosofia nietzschiana no Brasil.

Encontros Nietzsche, Coleção Sendas & Veredas e Cadernos Nietzsche são até hoje as frentes de atuação do GEN. Se assim me empenhei na criação, fortalecimento e consolidação do Grupo de Estudos Nietzsche não foi para criar uma escola. Mas, quem sabe, para levar adiante uma história.

Abstract: this article, which presents itself as a kind of testimony, aims at examining GEN's fast twenty five years story.

Key-words: culture – education – GEN - Cadernos Nietzsche - Encontros Nietzsche - Coleção Sendas & Veredas

Artigo recebido em 15/01/2012.

Artigo aceito para publicação em 20/02/2012.

